

Cinema e História: A licantropia apresentada pela série “Lore”

Cinema and History: The lycanthropy presented by the series “Lore”

Gabriela Pereira da Silva¹, UFSM

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar parte do seriado intitulado *Lore*. A partir dele buscamos responder os questionamentos propostos por Mônica Almeida Kornis no artigo *História e Cinema: um debate metodológico* (1992) e por Marc Ferro no livro *Cinema e História* (1992) acerca da utilização de produções cinematográficas para o estudo da História. A partir da reflexão sobre a interpretação proposta pela obra, podemos perceber os diferentes usos de fontes históricas promovidas pela produção da série para a defesa de determinada representação de quem são os licantropos e do que foi, ao longo dos séculos, a crença na transformação de homens e mulheres em lobo. Por isso, a obra mostra-se uma interessante fonte para a pesquisa histórica, já que nos apresenta tanto a continuidade da crença quanto a persistência de representações, práticas e discursos sobre a mesma.

Palavras-chave: Licantropia; Lobisomem; História; Lore; Cinema.

Abstract

This article aims to analyze part of the series entitled *Lore*. With this, we seek to answer the questions proposed by Mônica Almeida Kornis in the article *História e Cinema: um debate metodológico* (1992) and by Marc Ferro in the book *Cinema e História* (1992) about the use of cinematographic productions for the study of History. From the reflection on the interpretation proposed by the work, we can perceive the different uses of historical sources promoted by the production of the series to defend a certain representation of who the lycanthropes are and what was, over the centuries, the belief in the transformation of men and women into wolves. Therefore, the work proves to be an interesting source for historical research, as it presents both the continuity of belief and the persistence of representations, practices and discourses about it.

Keywords: Lycanthropy; Werewolf; History; Lore; Cinema.

Introdução

A transformação de homens e mulheres em lobos tem permeado lendas e mitos desde a Antiguidade. A origem da crença ainda não foi estabelecida, entretanto, diferentes culturas apresentaram contos originários desse tipo de metamorfose. Como exemplo, podemos citar a obra *Metamorfoses* (8 d.C.), de Ovídio, que no século I discorre sobre o primeiro licantropo do mundo. Na época em que deuses e humanos andavam juntos pela terra, chegou aos ouvidos das divindades que Lycaon, rei da Arcádia, teria cometido diversos crimes. Para verificar os fatos,

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bolsista CAPES. Graduada pela Universidade Federal de Santa Maria. Orientada pelo Prof. Dr. Francisco Mendonça Junior. Integrante do Virtù - Grupo de História Medieval e Renascentista e do Centro de Estudos sobre el Esoterismo Occidental de la UNASUR (CEEU UNASUR). E-mail: gabrielapereira09@outlook.com

o deus Júpiter personificou-se na forma de andarilho e partiu rumo às terras do rei. Chegando no local, foi convidado pela própria majestade para um jantar. Entretanto, Lycaon duvidava que aquele viajante era somente um humano e por isso resolveu colocá-lo à prova. Dentre os alimentos do jantar, o rei mandou servir carne humana e isso fez com que Júpiter ficasse extremamente furioso, já que as acusações do rei eram de assassinar os desconhecidos que passavam por seu reino. O deus sentenciou Lycaon a transformar-se em lobo, mantendo sua consciência humana, mas sendo obrigado a vagar pelas florestas em forma de animal. A partir de então, inúmeros indivíduos considerados lobisomens foram vistos vagando e atacando pessoas inocentes (OVÍDIO, 2003 [8 d.C], p. 201-206 [165-250]). Ou seja, no caso da mitologia greco-romana, a licantropia teve seu início com esse episódio.

Com o passar dos séculos, novas lendas acerca da transformação circularam em diferentes territórios, adaptando-se às necessidades e realidades das sociedades nas quais se fizeram presentes. Toda essa movimentação gerou inúmeras fontes que podem ser utilizadas para o estudo da crença, das quais usufruímos tanto para a realização deste artigo quanto para a elaboração da dissertação de mestrado empreendida por mim, sob o título "O poder dos demônios: uma comparação dos discursos de Jean Bodin e Jean de Nynauld acerca da atuação demoníaca na metamorfose em lobo". A qual tem como objeto dois tratados produzidos na França dos séculos XVI e XVII, período em que encontramos um grande número de obras que tratavam, mesmo que de forma superficial, sobre o tema, demonstrando uma preocupação desses indivíduos. Tudo isso nos leva a refletir sobre como diferentes épocas encararam a licantropia, assimilando a mesma às suas experiências de vida e gerando diferentes práticas e representações sobre aqueles ditos licantropos.

Na nossa época, essa crença ainda se faz presente. São inúmeros os locais, principalmente cidades do interior, onde lobisomens são vistos e diferentes lendas passam de geração em geração. Como exemplo, podemos citar uma matéria de 2017, da revista Gaúcha ZH, na qual moradores da cidade de Santa Maria - RS, afirmaram ter avistado um lobisomem, do tamanho de um cavalo, nos arredores da Vila Jockey Club e Nova Santa Marta. A fera passava noites uivando e atacando cachorros na região, até que um parlamentar da cidade prometeu montar uma caçada para capturar o licantropo (VIECELI, 2017).

Nesse caso, encontramos tanto a permanência da crença quanto as mesmas atitudes tomadas em diferentes períodos históricos, já que caçadas foram movidas para a captura e morte de lobisomens na Idade Média e Moderna, por exemplo. Essas lendas, segundo Carlo Ginzburg (2012, p. 195), passam por constantes reativações e transmissões, seja por experiências vividas por membros de um mesmo grupo que são recontadas, ou por sujeitos que teriam contato e

retomariam crenças de outros locais, como escritores, que reagrupam diversos casos espalhados pelo mundo em suas obras. Podemos somar aos exemplos dados por Ginzburg a constante representação dos lobisomens no cinema.

A licantropia no meio cinematográfico teve seu início com o curta-metragem *The Werewolf*, distribuído pela *Universal Studios* em 1913, que mistura a transformação em lobo com a história do povo nativo americano Navajo. Nesse caso, encontramos principalmente a ligação da licantropia com a bruxaria, já que a segunda teria propiciado a primeira. Entretanto, essa não é uma ligação necessária, mesmo que seja recorrente. Desde então, mais de cem obras foram produzidas e dirigidas em diferentes locais do mundo, cada uma apresentando representações diversas acerca do homem-lobo. Um elemento em comum, o qual retomaremos em breve, é a selvageria e a sede de sangue incontroláveis, que levam ao assassinato de inúmeras pessoas inocentes.

A partir dessas obras podemos notar uma grande variedade de elementos, dentre eles: a releitura de episódios reais de licantropia, que podem ser encontrados em fontes históricas; diferentes representações de quem seriam esses indivíduos transformados e como os mesmos se comportam em sociedade; diversas formas de interpretação da crença, trazendo diferentes meios de transformação e tratamento dos metamorfos; elementos contextuais das produções, que dizem mais sobre a época na qual foram produzidas do que de fato o período que se propõe analisar, como no caso da primeira produção acerca da licantropia, na qual o cinema hollywoodiano apresenta determinada visão acerca dos povos nativos americanos, assunto sensível que podemos encontrar também em muitos dos famosos *Western Movies* desde o século XX.²

É interessante notar que essas obras cinematográficas se tornam elementos valiosos para a análise da crença na transformação em lobo. Neste artigo, a análise se concentrará no quinto episódio da primeira temporada da série *Lore*, intitulado "A fera interior". Essa série foi produzida para a plataforma *Amazon Prime Video* e tem como propósito a apresentação de diversas lendas assustadoras, abrangendo fantasmas, vampiros, zumbis e lobisomens. No episódio em questão, busca-se explorar os três pontos principais postulados por Roger Chartier acerca da História Cultural: práticas, representações e discursos, que são criados principalmente pelos diretores e produtores da obra.

Metodologicamente, a análise se baseará no escrito *Cinema e História* (1992) de Marc Ferro, uma figura importante nos estudos que têm o cinema como objeto de investigação. Além

² Assim como em muitas obras de faroeste, no primeiro filme de licantropia também encontramos um embate entre colonos americanos e os povos nativos norte-americanos.

disso, serão utilizadas as colocações de José d'Assunção Barros no artigo Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas, publicado em 2011, e as reflexões de Mônica Almeida Kornis no artigo História e Cinema: um debate metodológico, publicado em 1992. Ao empregar essas abordagens metodológicas, o artigo pretende mergulhar na análise do episódio de *Lore*, buscando entender como a crença na licantropia é representada e construída através das práticas, representações e discursos presentes na série. Esse tipo de análise crítica permite que se compreenda como as produções audiovisuais abordam e reinterpretam temas tradicionais, como a lenda do lobisomem, e como essas representações podem refletir questões culturais e sociais contemporâneas.

História através do cinema

O cinema nem sempre foi objeto de estudo dos historiadores, e ao longo do século XX, diferentes visões acerca das produções cinematográficas foram desenvolvidas. Mônica Almeida Kornis destaca que essas visões variavam desde desconsiderar o cinema como fonte histórica até reconhecê-lo como um documento passível de estudo. Um dos primeiros escritos que trataram o cinema como um documento histórico foi produzido por Boleslas Matuszewski, um câmara polonês, no final do século XIX. Ele defendia que as imagens cinematográficas eram reflexos fiéis e inquestionáveis do real (KORNIS, 1992, p. 239). No entanto, essa afirmação é considerada delicada atualmente, uma vez que reconhecemos que nenhuma produção é uma verdade absoluta e indiscutível acerca do que representa. O cinema é uma forma de arte que utiliza técnicas de narrativa, edição e interpretação que podem moldar e transformar a realidade retratada.

Ao longo das primeiras décadas do século XX, outros estudiosos seguiram esse caminho, embora com diferenças e especificidades. Nesse período, muitos acreditavam que o cinema tinha a capacidade de ser "fiel à realidade de uma época" (KORNIS, 1992, p. 241). Acreditava-se que as produções cinematográficas poderiam oferecer uma representação autêntica do contexto histórico em que foram realizadas. Contudo, com o avançar do tempo e o desenvolvimento da teoria cinematográfica e da historiografia, percebeu-se que o cinema é uma forma de expressão artística e que as produções são construções culturais, sujeitas a intenções, influências e abordagens diversas. Assim, a análise do cinema como fonte histórica exige um olhar crítico e contextualizado, reconhecendo tanto suas potencialidades como suas limitações na compreensão do passado.

É somente com a Nova História e o alargamento do que era considerado fonte que as obras cinematográficas passam a receber maior atenção (KORNIS, 1992, p. 238). Em 1970, o

professor e historiador Marc Ferro insere-se nas polêmicas acerca do uso do cinema e defende que tal objeto deve passar por uma rigorosa análise da cultura e meio social no qual se insere. Ou seja, aqui encontramos a ideia de que, mesmo que a obra se refira a um período passado, o conteúdo da mesma pode conter uma grande diversidade de elementos que são próprios do momento de produção. Nesse sentido, não retratam fielmente e incontestavelmente a realidade, são produções que envolvem diferentes discursos. Com o advento dessa Nova História e a utilização do cinema como fonte, também foram necessárias a criação de novas técnicas de análise, levando em consideração as circunstâncias de produção, exibição e recepção das obras. Outros pontos também foram levantados, como o de que todo filme pode tornar-se objeto de análise, independente do gênero (KORNIS, 1992, p. 242-3).

Com isso, podemos perceber que é possível fazer história a partir de obras cinematográficas. Para isso, Kornis (1992, p.237) apresenta que devemos fazer as seguintes perguntas para a produção analisada: “O que a imagem refle-te? Ela é a expressão da realidade ou é uma representação? Qual o grau possível de manipulação da imagem?”. Preocupação semelhante foi colocada por Ferro. Para o historiador (FERRO, 1992, p. 13), desde de que o cinema tornou-se uma arte, é comum que seus produtores encontrem meios de intervir na história, seja através de representações, doutrinas ou ideologias. Como veremos em breve, essas questões tornam-se importantes para a análise da série *Lore*.

Como já tratamos anteriormente, desde o início do século XX a licantropia passa a fazer parte dos inúmeros temas tratados pelo meio cinematográfico. De forma geral, podemos citar alguns aspectos recorrentes nessas produções. O primeiro e principal é a aparência daqueles que sofrem a transformação. Até o final do século XX essa metamorfose tende a ser não total, ou seja, o indivíduo mantém a forma humana e obtém características de lobo, principalmente os dentes, garras e pêlos por quase todo o corpo – alguns também apresentam o focinho do animal. Como exemplo, podemos citar a série *Teen Wolf* (2011-2017) e o filme *The Werewolf* (1941).³ Entretanto, no início do século XXI aumenta a ocorrência de transformações totais, como as que ocorrem em *Crepúsculo* (2008-2012) e *Harry Potter* (2001-2011), mudança que pode ser analisada em um artigo futuro.

Outro elemento importante é o descontrole ligado à grande sede de sangue. É extremamente comum a cena do licantropo vagando pela floresta à noite em busca de uma vítima, como forma de saciar seus instintos selvagens. No compilado “*Every Werewolf from Every Movie Ever (1913 - 2020)*” disponível no canal do Youtube *World of Monsters*, podemos

³ Como podemos perceber, diversos filmes apresentam o mesmo título, assim como o primeiro filme de lobisomens (*The Werewolf*, 1913), podemos citar também *The Werewolf* (1956).

encontrar recortes de mais de 100 filmes produzidos neste período estipulado, no mundo inteiro. No vídeo também podemos perceber diversas cenas nas quais o cenário é uma floresta escura e inóspita. Esses aspectos também podem ser encontrados em obras lançadas recentemente, como *Lobisomem da Noite* (2022), *O lobo viking* (2022) e *Teen Wolf: o filme* (2023).

A maioria dessas obras são ficcionais, ou seja, apresentam uma narrativa imaginária, não se comprometendo com relações fidedignas da possibilidade daquilo retratado ocorrer na realidade. Mas como nos mostra Barros (2011, p. 180), “A mais fantasiosa obra cinematográfica de ficção carrega por trás de si ideologias, imaginários, relações de poder, padrões de cultura”. Além disso, todo filme é história, já que ele está sendo produzido nesse meio e é carregado de dimensões sociais e culturais. Sendo assim

Assim, o mais fantasioso filme de ficção científica não expressa senão as possibilidades de uma realidade histórica, seja como retratação dissimulada, como inversão, como tendência discursiva que o estrutura, como visão de mundo que o informa e que o enforma (que lhe dá forma), e assim por diante. (BARROS, 2011, p. 184).

Ou seja, o lobisomem pode representar nessas obras ficcionais a liberdade de agir sem as amarras da sociedade, de liberar toda a raiva e agressividade que um indivíduo é moldado a podar quando se vive em coletivo. Pode também representar a violência desenfreada que acontece em todos os lugares do mundo e que amedronta e espreita todos os sujeitos. Como veremos em breve, para alguns, a licantropia também justificará atitudes humanas que não podem ser facilmente explicadas ou entendidas, que fogem da nossa alçada e às quais não podemos prever.

Uma análise da série Lore

Antes de passar para a análise da obra, cabe esclarecer alguns pontos referentes aos estudos acerca da licantropia. No meio acadêmico, a crença na transformação em lobo mostra-se um campo de disputa, assim como muitos outros. Mesmo com o esforço de antropólogos e historiadores culturais, a visão acerca da licantropia ainda segue moldes teológicos, racionalistas e cientificistas, relegando a transformação a mera superstição. Por isso, conseguimos dividir as compreensões acerca da crença em três grandes blocos: No primeiro, encontramos escritores que pensam a licantropia com bases teológicas, frisando a vontade e onipotência de Deus, sendo assim, somente com a sua permissão a transformação poderia ocorrer. Dentre eles, citamos Sabine Baring-Gould com a obra *Lobisomem: um tratado sobre casos de licantropia* (1865) e Montague Summers, com o livro *The Werewolf in lore and legend*

(1933). No segundo bloco, a metamorfose é interpretada como fruto da imaginação, doenças mentais, irracionalidade humana e algo que é cientificamente impossível. Por isso, chamaremos esses indivíduos de racionalistas, já que seguem uma lógica científica atual em detrimento de concepções e experiências vividas pelos sujeitos de cada época. Citamos como exemplo Jean Delumeau, na obra *História do Medo no Ocidente 1300-1800* (1978), Jane P. Davidson, no artigo intitulado *Wolves, Witches and Werewolves: Lycanthropy and Witchcraft from 1423 to 1700* (1990), e Hodayun Sidky, no livro *Witchcraft, Lycanthropy, drugs and disease: an anthropological study of the European witch-hunts* (2010). Essa abordagem carece de uma análise cultural, a qual encontramos no terceiro bloco.

Pensando a crença na metamorfose de forma cultural, ou seja, partindo das experiências vividas pelos sujeitos e suas próprias explicações sobre os eventos, os pesquisadores culturais nos mostram um frutífero caminho a seguir. Influenciados principalmente pela virada cultural e linguística que ocorreu na década de 1970, trazem consigo novas concepções de verdade a partir da linguagem utilizada pelos indivíduos e suas formas de enxergar e atuar no mundo. Por isso, pensamos que analisar a licantropia através da história cultural, com ênfase na forma como os próprios sujeitos das fontes a compreendem, nos ajuda a distanciar percepções racionalistas sobre a mesma. Nesse caso, é importante frisar que a possibilidade ou impossibilidade científica da transformação de um corpo humano em lobo não nos interessa nem move nossa análise. Nos cabe entender que, se uma crença gerou experiências e resultou em modificações e ações na vida dos indivíduos, logo, ela foi real. E como nos mostra Stuart Clark (2006, p. 31), "o que é real, para seus usuários, sobre o mundo, é a questão de que tipos de afirmações de parcelas da realidade sua linguagem lhes permite fazer com sucesso". Dentre esses pesquisadores culturais, podemos citar Carlo Ginzburg no livro *História Noturna* (2012), Claude Lecouteux no livro *Hadas, brujas y hombres lobo en la Edad Media* (2004) e Christine Orobitz no artigo intitulado *La lycanthropie dans la prose doctrinale du XVIe et du XVIIe siècle espagnol* (2015).

Tendo estabelecido essas visões acerca da licantropia e apresentando um panorama geral, cabe dizer que encontraremos na obra analisada um exemplo de um desses blocos. O seriado *Lore*, que estreou em 2017, foi produzido por três companhias, sendo elas a *Amazon Studios* – que disponibiliza a obra na plataforma *Prime Video* –, *Valhalla Entertainment* e *Propagate Content*. Baseado no podcast também intitulado "Lore" de Aaron Mahnke, que é um dos desenvolvedores e narradores da série, propõe a apresentação de diferentes lendas a cada episódio. Os temas variam, podemos encontrar zumbis, lobisomens, vampiros, fantasmas e outros seres que permeiam o gênero do terror. O episódio que iremos analisar nesse artigo, denominado "A fera interior", foi dirigido por Darnell Martin e escrito por David Coggeshall e

tem a duração de trinta e cinco minutos. Dentre aqueles que fazem parte dos créditos do episódio, não encontramos nenhum historiador, antropólogo ou sociólogo, mesmo que membros da produção tenham entrado em contato com fontes históricas em locais como *Bridgeman Art Library* e *National Library of France*. Falaremos sobre a utilização dessas fontes em breve.

O episódio em questão é dividido em cinco diferentes casos, e podemos perceber que os dois últimos buscam explicar os primeiros, trazendo à tona a visão dos produtores acerca da licantropia. O primeiro relata a história de São Patrício, que no século V, na Irlanda, encaminhou-se até uma aldeia em prol de cristianizá-la. Entretanto, ao apresentar suas intenções no local, foi repreendido pelo líder da aldeia, que ordenou um ataque ao santo. Em meio a toda a violência que sofreu, o pregador pediu para que Deus intercedesse por sua vida, e foi então que os seus agressores se transformaram em lobos. Depois da metamorfose, atacaram e mataram o próprio líder e depois uns aos outros até que restasse somente um lobo, que voltou à forma humana. O único sobrevivente passou a ajudar São Patrício na cristianização de territórios vizinhos.

Toda a cena é um desenho animado, elemento que chama a atenção do espectador. Além disso, o caso é encontrado nas fontes. São Patrício foi ativo em relatos que envolvem a transformação de homens em lobo. Em um caso apresentado por Baring-Gould (2003 [1865], p. 46), após o cristão encontrar alguns homens zombando da religião e uivando para a lua, pediu para que Deus desse uma lição nos sujeitos e logo os mesmos transformaram-se em lobo e partiram para as florestas. Em outro relato, São Patrício é acusado de transformar em lobo Vereticus, rei do país de Gales, e a família do rei também foi sentenciada a viver em forma de fera durante sete anos (BARING-GOULD, 2003 [1865], p. 46). Ou seja, os fatos apresentados nessa primeira parte do episódio condizem com nossos estudos.

O segundo caso e o que consideramos o mais importante para o desenvolvimento da interpretação e explicação da licantropia pelos produtores se passou na região de Bedburg, na Alemanha, durante o século XVI. Nesse local em questão, a população acreditava que um lobisomem havia atacado e sumido com os corpos de diversos moradores. Após mais um sumiço ocorrer, os homens do local iniciaram uma caçada. O líder da comunidade, Peter Stubbe, disse que o animal que eles estavam caçando não era uma criação de Deus, mas um servo do demônio. Esse mesmo sujeito se ofereceu para cuidar de uma menina que foi atacada pelo lobo quando era criança, já que a mesma estava aterrorizada e seu pai ajudaria na caçada. Entretanto, durante a busca, os homens mataram um urso, que não possuía a cicatriz que a menina deixou na fera quando criança, ou seja, não era ele que causava as mortes. De volta ao vilarejo,

percebem que o líder era o próprio lobisomem. Em sua casa encontraram as partes dos corpos de diferentes vítimas, uma mesa com velas e crânios, um caldeirão onde fervia cabeças e um cinto que tinha na fivela a cabeça de um bode, elemento comum em algumas transformações em lobo, como cita Baring-Gould (2003 [1865], p. 78).

Stubbe foi preso e torturado, teve os ossos dos braços e pernas quebrados, a pele esfolada e a cabeça decepada. O corpo foi queimado e a cabeça pendurada em uma estaca, para que mais nenhum lobisomem ousasse fazer mal para a aldeia. Durante a tortura, confessou que aos 12 anos de idade fez um pacto com um demônio e em troca da sua alma receberia muita riqueza e um cinto, capaz de transforma-lo em lobo. Além de cometer as inúmeras atrocidades conhecidas pela população do local, confessou que matou seu próprio filho e cometeu incesto com a sua filha.

Dessa vez o caso não é representado por um desenho animado, mas sim por atores e ambientações. A transformação em lobo não é retratada, ou seja, não enxergamos Stubbe se transformando ou já metamorfoseado, apenas ouvimos rugidos na floresta, a forma de um lobo e arranhões nas vítimas. Ou seja, mesmo que ele seja tratado pela população como um lobo e isso possa também ser encontrados em folhetos⁴ de época que contam o ocorrido, o episódio deixa no ar se de fato o personagem se transformava ou não em fera, elemento que é importante para a conclusão dos produtores no final do episódio.

O terceiro caso apresentado trata das mais de cem mortes que ocorreram na região de Gévaudan, na França, durante o século XVIII. Em meio a todos os burburinhos da época, uma das suposições da população era de que se tratava de um lobisomem, que arrancava a cabeça das vítimas, bebia o sangue e comia a carne. Inúmeras caçadas foram movidas em prol de capturar e matar a besta de Gévaudan, entretanto, nenhuma foi sucedida até aquela empreendida pelo rei Luís XV, que pôs fim às atrocidades daquele ser. Esses eventos estão registrados e podemos encontrar mais detalhes sobre o ocorrido no livro de Montague Summers, citado anteriormente.

Para este relato, a série utiliza diversas fontes, como uma forma de trazer autoridade para a obra. Entretanto, um ponto importante nesse quesito é a mistura de gravuras produzidas no século XVIII, ou seja, criações de época contemporâneas a besta de Gévaudan, com pinturas que são leituras posteriores sobre o tema. Por exemplo, a série apresenta diversas pinturas do

⁴ A transcrição e tradução para o inglês de um folheto do século XVI apresentando o julgamento de Peter Stubbe pode ser encontrado no livro *A lycanthropy reader. Werewolves in Western culture* (1986), organizado por Charlotte Otten.

século XIX, como a denominada *Werewolves*⁵, pintada por Georges Sand em 1858, que hoje encontra-se na *Bibliothèque des Arts Décoratifs*, em Paris, na França. Nesse caso, a falta de historiadores na produção do episódio pode ter influenciado nessa utilização sem grandes reflexões. Um espectador que não tem contato com o assunto ou é conhecedor das gravuras e pinturas que retratam a licantropia não teria como discernir o que de fato foi produzido pelos sujeitos contemporâneos aos casos, de obras posteriores. Outro elemento que influencia nesse ponto é a falta das referências das imagens, que são utilizadas uma após a outra sem diferenciação ou explicações.

No final da apresentação do caso, o narrador frisa que, mesmo que a população esperasse que aquela fera fosse um homem transformado em lobo, era apenas um animal que, por instinto, atacava diversas vítimas. Nesse quesito, podemos notar que os produtores desconsideram as experiências e o entendimento de mundo dos sujeitos tanto do século XVIII, na França, quanto do século XVI, na região de Bedburg, no caso apresentado anteriormente. Para aqueles sujeitos, mesmo que a captura tenha sido de um lobo, isso não significa que não poderia ser de fato um homem transformado, pois no universo mental dos indivíduos isso era possível e crível. Ou seja, a série utiliza uma visão da qual já tratamos, na qual uma interpretação racionalista e científica atual explica experiências vividas por outros sujeitos em épocas diferentes. A não possibilidade da transformação não é colocada por aqueles que vivenciaram os ataques dos lobisomens, mas sim por quem, imbuído de concepções de mundo atuais, busca interpretar esses relatos. Como veremos em breve, nos outros casos apresentados, encontramos novos anacronismos preocupantes.

Consideramos que os próximos dois casos têm como intuito explicar e exemplificar a posição dos autores acerca da licantropia, por isso decidimos tratá-los de forma conjunta. No primeiro, o episódio apresenta um crime que ocorreu no século XX, mais precisamente em 1977, em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Nesse caso, um assassino perseguiu e matou diversas pessoas, na maioria moças, e ficou conhecido como o assassino do calibre 44. O indivíduo conseguiu escapar por anos até que foi preso, e em sua confissão, afirmou que estava recebendo ordens de um demônio, sob a forma do cachorro do seu vizinho Sam. David Berkowitz, nome verdadeiro do criminoso, continua preso até os dias atuais, mas durante o julgamento do caso, diversas pessoas manifestaram-se a favor da pena de morte para o sujeito. Esse é o principal elemento que liga esses dois casos aos anteriores.

⁵ A imagem pode ser vista no seguinte endereço: <https://www.bridgemanimages.com/en-US/sand/werewolves-illustration-for-legendes-rustiques-by-george-sand-1804-76-1858-litho/lithograph/asset/170907>. Acesso em: 10 mai 2023.

O segundo e último caso apresenta os crimes cometidos por Eugen Weidmann em 1937, na capital da França. Weidmann foi preso acusado de matar seis pessoas, atuando junto com dois comparsas. A sentença do seu julgamento foi a morte pública na guilhotina, com a intenção de que o incidente servisse de exemplo para outros criminosos. No entanto, a multidão estava completamente ansiosa pela execução. Houve relatos de que as mulheres passavam seus lenços no sangue como forma de recordação. Ou seja, não aconteceu o esperado pelas autoridades; em vez de amedrontar a população, a execução serviu como um espetáculo.⁶

Com a apresentação desses dois casos, podemos notar alguns pontos importantes. O primeiro é a tentativa de explicar os primeiros casos a partir destes, supondo que não eram homens ou mulheres transformados em lobos, mas sim pessoas que possuíam um mal inerente a elas, que quando desencadeado geraria uma sede de sangue e violência capaz de ferir e matar um grande número de pessoas inocentes. Outro ponto se refere à explicação de eventos de séculos passados a partir de experiências contemporâneas – que já citamos anteriormente –, aplicando noções e explicações atuais sobre os mesmos. E, por último, podemos citar a desconsideração das experiências vividas pelos sujeitos de suas próprias épocas; mesmo que a leitura das fontes nos tragam elementos que afirmam a existência dos lobisomens, isso é anulado, marca de uma visão racionalista, da qual já tratamos.

Ao fim do episódio, o narrador apresenta algumas frases marcantes, e em uma delas discorre que os indivíduos dos casos apresentados acreditavam que poderiam acabar com o mal – referindo-se às sentenças de morte –, mas questiona se tais atos não eram somente uma ilusão. Para os produtores, os sujeitos utilizavam a licantropia para explicar ações que não eram facilmente compreendidas, por isso seria mais fácil culpar os lobisomens do que aceitar que a humanidade era capaz de cometer tais feitos. Ou seja, o episódio liga e interpreta os casos de licantropia através dos *Serial Killers*, buscando apresentar que de alguma forma o selvagem sempre esteve dentro dos seres humanos e sempre estará justificando ações como essas.

Podemos presumir que a interpretação da crença na licantropia, presente ao longo da história, seja mais uma forma de compreender e explicar eventos atuais, em vez de se ater somente aos eventos que ocorreram no passado. Essa interpretação se assemelha ao que foi discutido anteriormente com os autores Ferro e Barros, que abordam como as obras cinematográficas muitas vezes utilizam elementos do passado para refletir e compreender questões contemporâneas.

⁶ Considerada a última morte na guilhotina, o episódio foi gravado e encontra-se no youtube, podendo ser acessado em: [youtube.com/watch?v=VJdhePPvxjY](https://www.youtube.com/watch?v=VJdhePPvxjY). Acesso em: 10 mai 2023.

Nesse sentido, os produtores da série *Lore* buscaram relacionar a crença na licantropia a eventos atuais, como recorrentes casos de assassinatos em massa e a crescente violência em diferentes partes do mundo. Ao fazê-lo, eles utilizam o mito dos lobisomens como uma ferramenta para explorar questões sociais, psicológicas e culturais que continuam a impactar a sociedade nos dias de hoje. Essa abordagem permite que eles estabeleçam conexões entre o passado e o presente, utilizando elementos míticos e fantásticos para refletir sobre problemas contemporâneos. Dessa forma, a interpretação da licantropia na série *Lore* vai além da mera apresentação de lendas históricas, buscando, ao mesmo tempo, trazer à tona discussões e reflexões sobre a natureza humana, a violência, a moralidade e outros aspectos que são relevantes para o mundo atual.

Com a análise desse episódio, notamos a importância das questões colocadas por Kornis e Ferro, acerca do que o filme busca refletir, se reflete a realidade ou produz uma representação, quais os graus de manipulação da imagem e como a obra busca intervir na história. Podemos perceber que a obra reflete o ceticismo dos produtores acerca do tema, uma percepção cientificista e racionalista de mundo que desconsidera as produções e interpretações próprias dos sujeitos de cada época, relegando a um tema tão importante para os mesmos, a uma falta de compreensão racional do mundo. Essa visão é comumente aplicada a períodos como a Idade Média, por historiadores como Jean Delumeau (2005, p. 99), já que o mesmo considerou que lendas como as de lobisomens eram fruto da imaginação de camponeses medrosos e temerosos, que por viver com fome, medo e na escuridão, não conseguiam explicar os eventos a sua volta. Ou seja, reflete uma percepção negativa e pejorativa sobre períodos nos quais as formas de lidar a agir no mundo eram diferentes das nossas.

Tal feito não reflete a realidade e sim projeta uma representação sobre a mesma. Como nos mostra Chartier (1999, p. 19), as representações podem apresentar retrocessos, principalmente quando são cobertas por categorias e análises anacrônicas. Nos cabe analisar essas produções e questioná-las, de forma que não avancem ainda mais interpretações marcadas por uma parcialidade latente, que generalizam eventos e propõem uma imagem universal e cristalizada sobre os sujeitos e suas ações. Nesse caso, utilizando mais elementos da História Cultural, podemos notar a narrativa proposta pelo episódio como um discurso gerador de práticas. Esta última seria a interpretação dos espectadores de diferentes crenças a partir dos postulados da obra, perdurando uma visão pejorativa daqueles que acreditavam na licantropia e considerando que homens e mulheres maus existiram e existirão por toda a história e foram eles, não lobisomens, que cometeram tais crimes. Podemos dizer que é dessa maneira pela qual a obra busca intervir na história.

Além disso, percebemos que para fazer com que mais indivíduos adotem determinadas perspectivas, a produção utiliza de casos e recursos visuais históricos que fazem parte de acervos e bibliotecas. Utilizando de tais elementos os produtores buscam tanto trazer autoridade para a obra, quanto chamar e prender a atenção dos espectadores. A carência de referências e explicações das imagens fazem com que os trinta e cinco minutos de vídeo não sejam maçantes, mas sim dinâmicos apesar de conter um grande número de fontes, já que não existe um momento de reflexão sobre as mesmas. Esse é um elemento recorrente na indústria cinematográfica. Como trata Barros (2011, p. 183), essas produções devem adaptar-se à indústria cultural, fazendo com que os espectadores assistam o episódio de forma integral e continuem assistindo os próximos. Por isso, as informações e conteúdo devem prender a atenção daquele que está consumindo a obra, além de passar determinada mensagem e gerar lucros para os produtores. E por isso são adotadas determinadas estratégias de exibição, dentre elas a supressão de referências e/ou informações que atrasariam e afetariam a narrativa. Ou seja, após toda essa análise, não podemos esquecer que nesse e em outros casos, a licantropia transformou-se em um produto. Como nos lembra Rovai (2020, p. 144),

O passado não pode ser simplificado e reduzido a um produto de consumo, sem que se reflita sobre os processos de leitura, de constituição de narrativas, de procedimentos de acesso e de circulação e seus (in) consequentes efeitos sobre a sociedade e sua consciência histórica.

Esta análise busca realizar esse esforço, alertando que mesmo que tais obras sejam importantes e interessantes fontes de estudo da licantropia, devemos nos atentar para as formas de produção e objetivos daqueles que as produzem.

Considerações finais

Com a análise de um dos episódios do seriado *Lore*, podemos perceber que é possível estudar a licantropia através do cinema, desde que seja estabelecido um olhar crítico sobre as obras que propõem tratar do tema. Como apresenta Rovai, é de suma importância que nos atentemos para narrativas históricas que são produzidas por não historiadores, já que podem “gerar distorções, reafirmar preconceitos e desmerecer a própria ciência histórica e os historiadores” (ROVAI, 2020, p. 144). Como vimos, lidar e utilizar fontes históricas sem métodos e reflexões pertinentes é perigoso, o que demonstra a necessidade de historiadores fazerem-se presentes nesses ambientes, de forma a colaborar com uma reflexão histórica pertinente.

Mais do que isso, também percebemos que é possível estabelecer as visões de mundo e os problemas de determinada época a partir das suas produções cinematográficas. Como vimos, o episódio *A fera interior* nos fala mais sobre a violência crescente e a incerteza de saber quem são as pessoas que cometem ou irão cometer assassinatos em massa do que sobre os períodos dos casos analisados. Além disso, nos mostra quanto uma visão cética e pejorativa existe sobre temas como esse e também sobre períodos como a Idade Média.

Inúmeras são as obras nas quais encontramos licantropos como personagens e acreditamos que essa constante utilização da licantropia no cinema contribui para que a crença perdure até os dias atuais. Em uma pesquisa rápida em sites de notícias como o *GI - O portal de notícias da Globo* e *Portal R7*, podemos encontrar dezenas de matérias nas quais lobisomens atacam e aterrorizam diferentes cidades do Brasil⁷, indivíduos que afirmam ter matado uma fera⁸ e até mesmo aqueles que dizem se transformar⁹. Podemos encontrar também blocos de carnaval¹⁰ representando os lobisomens, bandas¹¹ que carregam tanto o nome quanto músicas sobre licantropia e jogos eletrônicos¹² permeados por tal personagem. Todos elementos que, em muito, foram influenciados pela imagem de lobisomem criada pelo cinema. Todas as produções e elementos citados existem, pois, de uma forma ou de outra, a curiosidade e a crença na possibilidade da transformação de homens e mulheres em lobo sempre existiu e sempre existirá.

Referências

- BARING-GOULD, Sabine. **Lobisomem: um tratado sobre casos de licantropia**. Tradução: Fernanda M. V. de Azevedo Rossi. São Paulo: Madras, 2003 [1865].
- OVÍDIO. **Metamorfosis**. Edição e tradução: Consuelo Álvarez e Rosa Maria Iglesias. 5 ed. Madrid: Cátedra, 2003.
- SUMMERS, Montague. **The werewolf in lore and legend**. Nova York: DOVER PUBLICATIONS, INC., 2003.

⁷ Como exemplo, podemos citar o lobisomem que aterrorizou uma cidade do Distrito Federal. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/video/em-noite-de-lua-cheia-imagem-de-lobisomem-viraliza-na-web-e-intriga-moradores-do-df-8910247.ghtml>. Acesso em: 10 mai 2023.

⁸ Como exemplo, podemos citar a matéria na qual homens matam um lavrador pois o mesmo seria um lobisomem. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/09/03/grupo-que-decapitou-lavrador-lobisomem-no-interior-do-para-e-condenado-a-prisao.ghtml>. Acesso em: 10 mai 2023.

⁹ Como exemplo, podemos citar homem que afirma ser um lobisomem e agrediu oito policiais. Disponível em: <https://noticias.r7.com/hora-7/fotos/misterio-homem-diz-ser-lobisomem-e-da-surra-em-oito-policiais-03112018>. Acesso em: 10 mai 2023.

¹⁰ Como exemplo, podemos citar bloco no qual os integrantes se fantasiaram de lobisomem. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/carnaval/2023/noticia/2023/02/22/principes-de-roma-e-campeao-do-grupo-aos-blocos-tradicionais-no-carnaval-de-sao-luis-2023.ghtml>. Acesso em: 10 mai 2023.

¹¹ Dentre as bandas que adotaram nomes que remetem a licantropia, podemos citar *PowerWolf*, *Bad Wolves*, *Wolves' Winter*, *Lycanthropy's Spell*, *Lykaionas* e outras.

¹² Podemos citar *Resident Evil Village* (2021) e *Lobisomem: o apocalipse* (1991, primeira edição).

BARROS, José D.'Assunção. Cinema e história—considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. **Comunicação & Sociedade**, v. 32, n. 55, p. 175-202, 2011.

CHARTIER, Roger. **El mundo como representación: estudios sobre historia cultural**. Editorial Gedisa, 1999.

CLARK, Stuart. **Pensando com Demônios: A Ideia de Bruxaria no Princípio da Europa Moderna**. Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

DAVIDSON, Jane P. Wolves, Witches and Werewolves: Lycanthropy and Witchcraft from 1423 to 1700. **Journal of the Fantastic in the Arts**, v. 2, n. 4, 1990, p. 47-73.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. Tradução: Maria Lucia Machado e Heloísa Jahn. França: Companhia de Bolso, 2009.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Paz e Terra, 1992.

GINZBURG, Carlo. **História Noturna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

G1. Em noite de lua cheia, imagem de lobisomem viraliza na web e intriga moradores do DF. **G1, Distrito Federal**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/video/em-noite-de-lua-cheia-imagem-de-lobisomem-viraliza-na-web-e-intriga-moradores-do-df-8910247.ghtml>. Acesso em: 10 mai 2023.

G1 MA. 'Príncipe de Roma' é campeão do grupo A dos blocos tradicionais no Carnaval de São Luís 2023. **G1, São Luís**, 22 fev 2023, seção Carnaval. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/carnaval/2023/noticia/2023/02/22/principes-de-roma-e-campeao-do-grupo-a-dos-blocos-tradicionais-no-carnaval-de-sao-luis-2023.ghtml>. Acesso em: 10 mai 2023.

G1 PA. Grupo que decapitou lavrador 'lobisomem' no interior do Pará é condenado à prisão. **G1, Pará**, 03 set 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/09/03/grupo-que-decapitou-lavrador-lobisomem-no-interior-do-para-e-condenado-a-prisao.ghtml>. Acesso em: 10 mai 2023.

KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 237-250.

LECOUTEUX, Claude. **Hadas, brujas y hombres lobo en la Edad Média**. Edição: José J. de Olañeta. Espanha: El Barquero, 2005.

OROBITG, Christine. La lycanthropie dans la prose doctrinale du XVIe et du XVIIe siècle espagnol. **Bulletin Hispanique**, Vol. 117, n° 2, dez. 2015, p. 549-568.

OTTEN, Charlotte F. Introduction. In: OTTEN, Charlotte F. (Org.) **A lycanthropy reader. Werewolves in Western culture**. New York, Syracuse University Press Syracuse, 1986.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História Pública: um desafio democrático aos historiadores. In: REIS, Tiago Siqueira (et al.) **Coleção História do Tempo Presente: volume 2**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

SIDKY, Hodayun. **Witchcraft, Lycanthropy, drugs and disease: an anthropological study of the European witch-hunts**. Oregon: Wipf and Stock Publishers, 2010.

SIQUEIRA, Filipe. Mistério! Homem diz ser lobisomem e dá surra em oito policiais. **R7**, 03 nov 2018, seção Hora 7. Disponível em: <https://noticias.r7.com/hora-7/fotos/misterio-homem-diz-ser-lobisomem-e-da-surra-em-oito-policiais-03112018#/foto/1>. Acesso em: 10 mai 2023.

VIECELLI, Leonardo. "Vamos ver se pegamos o bicho", diz vereador que prometeu caça a "lobisomem" em Santa Maria. **Gaúcha ZH**, 29 de setembro de 2017, seção GHZ Política. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2017/09/vamos-ver-se-pegamos-o-bicho-diz-vereador-que-prometeu-caca-a-lobisomem-em-santa-maria-cj86br0ef006x01mrr01xkv6j.html>

A fera interior (temporada 1, ep. 5). Lore [seriado]. Direção: Darnell Martin. Estados Unidos: Amazon Prime Video, 2017.

CREPÚSCULO. Direção: Catherine Hardwicke. Produção de Mark Morgan e Greg Mooradian. Estados Unidos: Paris Filmes, 2008.

HARRY Potter e o Prisioneiro de Azkaban. Direção: Alfonso Cuarón. Produção de David Heyman, Chris Columbus e Mark Radcliffe. Reino Unido: Warner Bros. Pictures, 2004.

LISNYTSKYI. Rare Weidmann's execution video. Youtube, 2 jun. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VJdhePPvxjY>. Acesso em: 10 mai 2023.

LOBISOMEM na noite. Direção: Michael Giacchino. Produção de Stephen Broussard. Estados Unidos: The Walt Disney Company, 2022.

O lobo viking. Direção: Stig Svendsen. Produção de John M. Jacobsen, Peter Ahlén Lavrsen e Ellen Alveberg. Estados Unidos: Netflix, 2022.

TEEN Wolf: o filme. Direção: Russell Mulcahy. Produção de Tyler Posey e Tyler Hoechlin. Estados Unidos: Paramount+, 2023.

THE Werewolf. Direção: Henry MacRae. Produção de 101 Bisão. Estados Unidos: Universal Studios, 1913.

WORLD of Monsters. Every Werewolf from Every Movie Ever (1913 - 2020). Youtube, 2 jan. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZwDfBLmhb7E&t=2006s>. Acesso em 10 mai. 2023.

SAND, Baron Dudevant Jean Francois Maurice. Werewolves. 1858. Ilustração. 5462x3347 pixels. Disponível em: <https://www.bridgemanimages.com/en-US/sand/werewolves-illustration-for-legendes-rustiques-by-george-sand-1804-76-1858-litho/lithograph/asset/170907>. Acesso em 10 mai 2023.